



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

A INSTITUIÇÃO ESCOLA E AS RELAÇÕES DIDÁTICAS E PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM¹

Gustavo Griebler².

¹ Trabalho de aula da matéria de O Processo Educativo Escolar Saber-Professor-Aluno do mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí

² Mestre em Educação nas Ciências, Professor de Ensino Superior da Faculdade Três de Maio, gustavogriebler@gmail.com

Resumo: O texto traz considerações feitas acerca de quatro obras, a saber: A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência de Mario Osorio Marques, O valor do educar de Fernando Savater, O resgate da autoridade em educação de Gérard Guillot e o artigo Triângulo Didático-Pedagógico – O triângulo que pode ser visto como um quadrado, de Clermont Gauthier e Stéphane Martineau. São tecidas considerações acerca dos quatro textos de forma a contemplar o objetivo do trabalho que é a abordagem da escola e as relações que se estabelecem visando ao ensino e à aprendizagem.

Palavras-Chave: Escola, Ensino, Aprendizagem.

Introdução

A educação é um processo complexo, em vista da quantidade de partes que estão direta e/ou indiretamente envolvidas nela, além das que surgem e estão por surgir ainda, pedindo para que ela seja versátil adequando-se ao novo mas sem perder suas raízes e que se fundamentaram com o passar dos anos, décadas e séculos. Que relações são estabelecidas no ambiente escolar?, Qual o grau de participação de cada parte no processo? e Qual é o sentido da educação são algumas das perguntas que se colocam na contemporaneidade.

Metodologia

Notadamente, a pesquisa constitui-se como bibliográfica, sendo feitas considerações ao longo da exposição dos textos.

Resultados e Discussão

A partir da leitura do livro do professor Mario Osorio Marques, A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência, em especial os capítulos sobre práxis da aprendizagem na diversidade dos lugares sociais, a forma escolar da aprendizagem e a mediação da docência na sala de aula, podemos fazer algumas inferências a respeito do que o professor Mario Osorio quis nos incitar à discussão. No seu capítulo sobre práxis, o professor afirma que a aprendizagem se dá em um ambiente complexo e heterogêneo, mas estruturado, sendo que a práxis forma e também é específica do ser humano. Na





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

práxis, a postura do homem e suas práticas correlacionam-se. A partir dessa fala, pode-se avançar no texto até a parte em que o professor diz que a sociedade moderna é constituída em dois níveis que se integram: o mundo dos sujeitos singulares e os plexos sistêmicos em que são inscritos os indivíduos. Mario Osorio chama para a conversa Habermas, que explicita “que os contextos da vida em comum, os espaços sociais e os tempos históricos estão estruturados simbolicamente. O que distingue a sociedade do organismo é a forma peculiarmente simbólica em que se estruturam as relações sociais” (p. 56). É trazida à tona também pelo professor a questão do aprendizado, ao referir-se que o aprendizado não é aquilo que restou após o esquecimento de tudo, até porque o esquecido permanece na memória. Assim sendo, o aprendizado é aquilo que passou e deixou suas marcas no indivíduo.

Após essa introdução, o professor Mario Osorio destaca cinco ambientes de aprendizagem: família, grupos de iguais, poder público articulado pelo Estado, sociedade civil e espaços públicos da práxis política. A aprendizagem na família é a primeira forma mediadora do homem para com a sociedade. Trabalha como um diafragma protetor para o indivíduo, sem no entanto descuidar-se de que a criança nasce necessitada de ser inserida na cultura humana para sobreviver. Com relação à aprendizagem nos grupos de iguais, Mario Osorio afirma que a humanização do indivíduo acontece com a multiplicação de seus grupos de pertencimento, sendo que será nestes grupos que ele se identificará. Sobre a aprendizagem na esfera do poder público articulado pelo Estado, Marques afirma que “o princípio organizativo da aprendizagem baseado no parentesco e na linhagem, não mais dando conta das relações mudadas numa sociedade que se fazia mais complexa e diferenciada, passava a exigir novo sistema consensual de controle” (p. 65). O autor diz que o poder tem detentores eventuais e que todas as pessoas da sociedade devem participar das discussões. Na sociedade civil, Marques diz que “ao fazer-se crescentemente complexa e plural, a sociedade deixa de orientar-se por um único princípio organizativo, um centro ou um padrão comum” (p. 73). Esta sociedade é feita para pessoas unidas em torno do mesmo interesse comum: “o de que se garantam a todos as condições de identidade individual e de singularização expressiva” (p. 74). Esta aprendizagem adentra movimentos sociais, instituições sociais e organizações da sociedade civil e regionalidades do saber especializado. E por fim a aprendizagem nos espaços públicos da práxis política, na qual o professor Mario Osorio diz que na qual “se dá a mediação do aprender e do aprendizado não é nem informe e nem uniforme” (p. 86).

Em seu capítulo sobre a forma escolar da aprendizagem, o professor Mario diz que em uma sociedade plural e diferenciada como é a contemporânea as aprendizagens assumem no ambiente escolar forma explícita, proposital e sistemática. Os educadores e educandos juntamente com os demais interessados são as peças essenciais para a engrenagem funcionar. Na escola, buscarão os educandos, em diálogo com educadores e colegas, o entendimento, o aprender, este mediado pelo ensinar. No entanto, como afirma o professor, “a escola nunca é realidade dada de vez” (p. 93). O processo de aprendizagem, se formos buscar informações em Vygotsky, é complexo e leva tempo.

Mario Osorio Marques distingue quatro planos intercorrelacionados na escola: o plano intrasubjetivo (fundamentado no outro, que vê o indivíduo), o plano intersubjetivo (eu e tu como identidades independentes e equifundamentantes uma da outra), o plano grupal (“ampliam-se e se ressignificam as relações interindividuais distintivas de cada um ao mesmo passo que indiferenciadas no sentimento de



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

comum pertença” (p. 96)) e o plano institucional (“negam-se ao mesmo passo que se auto-exigem o instituinte e o instituído” (p. 97)).

A seguir, Mario Osorio trata da questão do Projeto Político-Pedagógico da escola, que é a constituição do ser da escola. Dessa forma, a escola é validada e valida sua atuação. Marques define a proposta pedagógica como “proposta ético-política, isto é, articulação da natureza intersubjetiva da formação da vontade coletiva” (p. 98). No entanto, o professor afirma que tal projeto não se limita à escola e a seu entorno, mas sim que faz parte da sociedade, até porque a escola não está solta na sociedade e não vive sem ela. Precisa dessa interlocução para a sua continuidade.

Consensualmente construídos e validados os valores por que se devam pautar as aprendizagens medidas pela escola importa sejam conseqüentemente vivenciados e aplicados: na estrutura da escola, na dinâmica curricular, na especificação dos conteúdos do ensino-aprendizagem, na mediação da docência em sala de aula, na sistematização do aprender a aprender, na gestão democrática da escola, nas virtualidades da materialidade da escola (MARQUES, 2006, p. 101).

Em uma das últimas falas do capítulo, o professor Mario diz que as escolas estão mal aparelhadas, no entanto, a qualidade da aprendizagem vai depender do aproveitamento dos meios disponibilizados e não dos recursos almejados. O último tópico do capítulo trata da questão da gestão democrática da escola. Nesta questão, o professor diz que, em vista da pluralidade que se encontra neste campo, tem de haver discussão coletiva e não uma única voz vertical que ordena comandos para subordinados.

No quinto capítulo, a mediação da docência na sala de aula, as aprendizagens formais e sistemáticas se efetivam. O conteúdo trazido pela experiência do professor toma vida ao chegar aos estudantes que sistematizam o mesmo no ambiente da sala de aula, que somente existe correlacionando-se com as outras salas da escola. Cabe aqui uma colocação de Mario Osorio Marques:

Nenhuma disciplina, nenhuma região do saber existe isolada em si mesma, devendo, depois, relacionar-se com as demais. Só se constituem as disciplinas na unidade do saber, como totalidade em que se correlacionam os muitos saberes e se expressam as múltiplas vozes da razão. No coração de cada ciência habitam as demais (MARQUES, 2006, p. 117).

O professor Mario Osorio também afirma que para uma sala de aula que se volte à qualidade das efetivas aprendizagens temos de ter: um projeto político-pedagógico da escola de que faz parte, um projeto para o curso dos estudos na escola (dinâmica curricular), um projeto para a atuação integrada da turma de alunos e equipe de professores em cada período e subperíodo (semestre, bimestres, etc.).

No último tópico deste capítulo, Mario Osorio trata da mediação da docência, afirmando que “não se pode ocupar a docência com a mera transmissão de conhecimentos. Ensinar não é repetir; é reconstruir as aprendizagens” (p. 119). Um pouco adiante no texto, o professor diz que o simples acúmulo de informações não constitui ensino-aprendizagem. Desenvolvimento de competências como relacionar, comparar e inferir e a estruturação mais compreensiva, coerente e aberta das articulações dos dados, conceitos, etc. trazidos pelo professor formam a aprendizagem no indivíduo.



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

O segundo livro em discussão neste texto é O valor do educar, de Fernando Savater, em especial os capítulos 2 (os conteúdos do ensino) e 6 (educar é universalizar). O autor inicia o segundo capítulo destacando o fato de que devemos não somente nascer, mas aprender durante nossa vida, sendo esta a condição para ser homem. Assim sendo, é necessário o conhecimento sobre algo para poder transmitir a outra pessoa, formando-se então a primeira condição para tal ter vivido antes aquele conhecimento o educador em relação ao educando. Savater diz que a função de ensinar está enraizada na condição humana. No entanto, em certos momentos, os conhecimentos vão se tornando mais complexos, sendo difícil que qualquer um possa transmitir algo suficientemente para se ensinar alguém. Entretanto, tem de se tomar cuidado com o derramamento de conhecimentos na cabeça do aprendiz. Savater busca os dizeres de Jaime Balmes, que diz que “a arte de ensinar a aprender consiste em formar fábricas e não armazéns” (p. 61).

No sexto capítulo, Savater afirma que a educação é de responsabilidade de sujeitos e forma sujeitos, tendo como objetivo completar a humanidade do neófito. Savater trata a questão conservadora da educação, dizendo que ela é transmissão, sendo que se transmite aquilo julgado digno de ser conservado. O autor traz à tona o título do capítulo ao afirmar que “o ideal básico que a educação atual deve conservar e promover é a universalidade democrática” (p. 180). Assim sendo, homens, mulheres, negros, brancos, crianças, adolescentes, adultos, idosos, enfim, todos têm direito à educação. Mais ao final do capítulo, Savater diz que se compreende o temor diante de uma escola mais ocupada em suscitar fervores e de um ensino repleto de conteúdos ideológicos do que em formar mentes críticas. Ele também afirma que “é importante que na escola se ensine a discutir, mas é imprescindível deixar claro que a escola não é foro de debates nem púlpito” (p. 193).

O terceiro livro em análise é O resgate da autoridade em educação, de Gérard Guillot, do qual se fez estudos acerca do sexto capítulo. O autor inicia o capítulo modificando as três perguntas fundamentais de Kant para a pedagogia, dizendo que o que o professor tem de ter conhecimento hoje é o que deve saber, o que pode fazer e o que é permitido esperar dos alunos. Guillot também afirma que o professor, cujas missões institucionais são instruir, educar e formar, é um servidor da República e a escola é uma instituição que tem uma missão de serviço público.

A seguir, Guillot começa a trabalhar os aspectos da profissão do professor. O primeiro é o ensino. Seu aspecto modificou-se muito desde Aristóteles e, conforme afirma o autor, “ensinar não se reduz a saber fazer diante de seus alunos, mas a saber fazer com que estes façam. O ensino não é um one man show, é uma criação de situações de trabalho e de aprendizagens” (p. 125). O segundo é a prática da diferenciação pedagógica diante da heterogeneidade. O professor tem de estar ciente que não encontrará uma classe 100% disciplinada e no mesmo nível de conhecimento e capacidade de aprendizagem. O terceiro é o trabalho em equipe e realização de projetos, que diz que hoje o professor está cada menos sozinho na sua função de conceber, conduzir e avaliar seu trabalho. E por fim o quarto aspecto, que diz respeito ao trabalho em parceria. O autor explica a origem do termo parceria, que “remete à idéia de partilha. Parceiros são atores de uma partilha” (p. 133). O autor encerra o capítulo dizendo que o triângulo didático ou pedagógico, que contempla professor, saber e aluno, abre-se para um retângulo, com a introdução de parceiros.



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

O quarto e último texto em análise trata-se de um artigo intitulado Triângulo Didático-Pedagógico – O triângulo que pode ser visto como um quadrado, de autoria de Clermont Gauthier e Stéphane Martineau. Neste texto, os autores trazem a questão de que a pedagogia é diferente da didática. Nas primeiras indagações do artigo, os autores dizem que o ensino modificou-se com o tempo, de uma singularização que perdurou durante 15 séculos, no qual o aluno tinha de ler, reler, aprender de cor e copiar, para uma pluralidade de alunos em sala de aula no século XVII. Fez-se necessário uma nova maneira para dar aulas para vários ao mesmo tempo e não somente para um. Essa nova maneira de dar aulas atendendo o que pede o contexto é chamada pelos autores de pedagogia. A pedagogia do século XVII, que tem como precursora Comenius, afugenta a desordem, ensina tudo a todos e é mais rápida. A pedagogia neste tempo estabelece o “saber dar aulas”, mostrando ao professor também organização do tempo e do espaço, como lidar com o comportamento dos alunos, sua postura, etc.

Mais à frente no artigo, Gauthier e Martineau trazem a conceituação de didática, que se funda no “estudo da relação dos alunos com o saber” (p. 56). Os autores dizem que colegas seus acreditam que a didática acontece em um tempo diferente do da pedagogia.

Andando um pouco mais com o artigo, os autores se valem de Doyle (1986) para dizer do trabalho deste na identificação de seis características peculiares ao ensino em sala de aula, que são: multidimensionalidade, simultaneidade, imediatez, imprevisibilidade, visibilidade, historicidade. É citado também Tardif (1993), que identificou oito tipos de ação por meio das quais é possível caracterizar a prática docente: o agir tradicional, o agir afetivo, o agir instrumental, o agir estratégico, o agir normativo, o agir dramático, o agir expressivo e o agir comunicacional.

Conclusões

Como encerramento deste trabalho, deixamos a seguinte mensagem dos autores do artigo que se valem de outros para o dizer, e que se encontra no encaminhamento final do trabalho:

É incontestável, por outro lado, que o aluno não se acha sozinho diante dos conteúdos que deve assimilar, mas está rodeado por outros alunos que se acham na mesma situação que ele, enquanto ele é guiado (assim como seus colegas) pelo professor, que, o tempo inteiro, corrige, dá mais explicações ou aprofunda melhor os conceitos e mecanismos (VASQUEZ-BRONFMAN e MARTINEZ, 1996, p. 67, apud GAUTHIER & MARTINEAU, 2001, p. 64).

Enfim, podemos inferir a partir da análise dessas quatro obras trazidas que a educação estando estruturada em um processo que envolve diversas partes, sendo que novas estão sempre a surgir, como as parcerias, as Tecnologias da Informação e da Comunicação, precisa se resignificar constantemente, adaptando-se aos tempos vindouros, mas sem aniquilar-se em si mesma e sem perder o seu tradicionalismo.



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

Referências Bibliográficas

GAUTHIER, Clermont & MARTINEAU, Stéphane. Triângulo Didático-Pedagógico: o triângulo que pode ser visto como um quadrado. In: Revista Educação nas Ciências. Ijuí: Ed. UNIJUI, v. 1, p. 45-77, Jan/Jun, 2001.

GUILLOT, Gerard. O resgate da autoridade em educação. Porto Alegre, RS: Armet, 2008.

SAVATER, Fernando. O valor de Educar. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARQUES, Mario Osório. Aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência. 3.ed. Ijuí, RS: Ed. UNIJUI, 2006.